

# O ESPAÇO DESTINADO ÀS MULHERES NO TELEJORNALISMO AMAPAENSE

---

THE SPACE DESTINED FOR WOMEN IN  
AMAPAENSE TELEJOURNALISM

Ilana da Silva MORAES <sup>1</sup>

Laiza Monik de Oliveira MANGAS <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [ilanamoraes0815@gmail.com](mailto:ilanamoraes0815@gmail.com). ORCID: 0009-0006-6066-8362

<sup>2</sup> Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [laiza.mangas@gmail.com](mailto:laiza.mangas@gmail.com). ORCID: 0000-0002-1827-3133

## RESUMO

Este artigo traz reflexões sobre a presença feminina no jornalismo amapaense a partir da análise de duas emissoras com destaque local, a Rede Amazônica e o Grupo Equinócio de Comunicação. Para compreender o espaço ocupado pelas jornalistas, analisamos dois telejornais de cada emissora, além disso, realizamos entrevistas semiestruturadas para ouvir o ponto de vista das mulheres inseridas no mercado de trabalho. Constatamos que o telejornalismo amapaense sofre uma forte predominância masculina, sendo a reportagem de rua o cargo mais ocupado pelas mulheres. Nas duas emissoras, há pouco espaço da presença feminina em cargos de liderança e representatividade, como apresentação de telejornal.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; representatividade; mulheres; Amapá.

## ABSTRACT

*This article presents reflections on the presence of women in Amapa journalism by analyzing two prominent local broadcasters, Rede Amazônica and Grupo Equinócio de Comunicação. To understand the space occupied by female journalists, we analyzed two newscasts from each broadcaster. Additionally, we conducted semi-structured interviews to hear the perspectives of women in the job market. We found that Amapa television journalism is heavily male-dominated, with field reporting being the most common role occupied by women. In both broadcasters, there is limited space for women in leadership and representative positions, such as news anchoring.*

**KEYWORDS:** television journalism; representation; women; Amapá.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As mulheres continuam enfrentando problemas como preconceito, estereótipos de gênero, desigualdade salarial e dúvidas sobre sua capacidade para desempenhar certas funções no século XXI. Essas questões têm raízes históricas na sociedade e na cultura brasileira, embora tenham tido importantes avanços ao longo dos anos.

No jornalismo, mesmo elas sendo a maioria nos cursos de graduação nas universidades brasileiras (INEP, 2020), e no exercício da profissão de (58%) em relação aos homens (42%), conforme a pesquisa Perfil dos Jornalistas Brasileiros de 2021, ainda enfrentam desafios no exercício da profissão ou no acesso ao mercado de trabalho em cargos de liderança (Dancosky, 2022). Por esse motivo, ao equipararmos os dados do ano de 2021 com os de 2012, o número de mulheres no exercício da profissão teve uma queda de seis pontos percentuais, ou seja, passou de 64% para 58% nos últimos anos, uma baixa significativa.

Esse movimento de queda tem relação com a desfeminização na profissão decorrente de demissão ou abandono por determinados motivos (Dancosky, 2022). Segundo a autora, o jornalismo ainda mantém valores masculinizados na divisão sexual do trabalho, na atribuição de pautas, na tripla jornada de trabalho e na violência contra a mulher. Habib (2005) complementa que o jornalismo é uma profissão difícil para as mulheres porque exige um trabalho alinhado com outros afazeres, como cuidar do lar e filhos.

No mesmo sentido, Vilete e Bertazini (2022) ressaltam que as jornalistas são questionadas sobre suas capacidades profissionais, ignoradas em reuniões e assediadas tanto sexualmente quanto moralmente por conta do seu gênero. Estudos realizados pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), ao longo de 2021, constataram que as mulheres sofreram, em média, seis ataques por mês durante o exercício da profissão. As ofensas estavam ligadas à questão de gênero, sexualidade e orientação sexual.

Um caso recente ocorreu com a repórter Gisele Kümpel, em fevereiro de 2024. Ela denunciou o intérprete da mascote do clube de futebol Internacional. O homem teria cometido importunação sexual contra ela durante o jogo entre Grêmio e Internacional. A jornalista relatou, em entrevista, que não poderia se calar diante da situação ocorrida.

Quando sai o gol, em vez de comemorar com a torcida, ele vem e para do meu lado. Eu estava relatando o lance para o canal e ele vem e me abraça de lado. Fecha os dois braços em mim e fica alguns segundos. Não foi um tapinha nas costas. E ele, com a máscara, vem para me dar um beijo. Senti o suor dele em mim e o barulho do beijo [Entrevista de Gisele Kümpel] (Portal G1, 2024, online)<sup>3</sup>.

Portanto, podemos enxergar o panorama complexo que é ser uma jornalista mulher. Desde o início da carreira, as discriminações de gênero estão presentes, como o assédio sexual e moral colocadas em evidência pela presença dessas mulheres no mercado e no local de trabalho (Koshiyama; Reimberg, 2018).

Nesse contexto, este artigo busca responder qual o espaço destinado às mulheres dentro do cenário jornalístico na capital amapaense, especificamente no telejornalismo a partir de duas emissoras locais: a Rede Amazônica, afiliada da Rede Globo, e o Grupo Equinócio de Comunicação, afiliada da Record. Durante seis dias, foram analisados quatro telejornais em horário considerados com maior índice de audiência: JAP 1 (meio-dia), JAP2 (noite), Cidade Alerta (meio-dia) e Balanço Geral (noite).

Os resultados obtidos por meio da análise e entrevista com as jornalistas corroboraram com a visão de que as mulheres têm uma sobrecarga maior de trabalho e não ocupam cargos importantes na televisão, como âncora<sup>4</sup>. Portanto, acredita-se que a contribuição da mulher no jornalismo estaria ligada diretamente com a falta de espaços, representatividade e, principalmente, pela falta de ambientes seguros (Cisne, 2014; Michelle Perrot, 2005; Mary Del Priore, 2004).

## MULHERES QUE MOLDARAM A HISTÓRIA DO TELEJORNALISMO NO BRASIL

Na esteira de uma sociedade marcada pelo predomínio masculino, a história da televisão denota que Heron Domingues e Gontijo Deodoro foram os primeiros apresentadores do telejornalismo brasileiro. Eles migraram do rádio para a TV na ancoragem do telejornal Repórter Esso, exibido na antiga TV Tupi, em 1950.

Somente três anos após o surgimento da televisão, as mulheres começaram a ter espaço. Farfan (2015) e Silva (2009) afirmam que as atrizes Cacilda Lanuza e Branca Ribeiro foram as primeiras mulheres a trabalhar no jornalismo televisivo, em 1953. Elas apresentaram o

<sup>3</sup> 'Não posso me calar', diz repórter que denunciou mascote do Inter por importunação sexual; veja o que se sabe. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/02/27/nao-posso-me-calar-diz-reporter-que-denunciou-mascote-do-inter-por-importunacao-sexual-veja-o-que-se-sabe.ghtml>. Acesso em: 6 jun. 2024.

<sup>4</sup> O âncora é o apresentador do telejornal ou até mesmo o editor-chefe (Krüger e Negrini, 2017).

telejornal “Mappin Movietone” que começou a ser produzido em paralelo com o primeiro jornal produzido pela TV Tupi.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. A mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço (Ribeiro, 1998, p. 31)

As justificativas para o predomínio masculino no início do jornalismo referem-se às dificuldades que o exercício da profissão exigia na época, atrelado à falta de espaços para elas ocuparem. A primeira mulher a se profissionalizar como jornalista no Brasil foi Narcisa Amália de Campos, fundadora do jornal quinzenal *Gazetinha*, em 1984. A jornalista tornou-se referência para as demais que almejam seguir seus passos. Nota-se que desde o surgimento da presença feminina no telejornalismo até a primeira mulher a se profissionalizar decorreram 31 anos.

As mulheres avançaram em estruturas sociais que eram exclusivamente dos homens e passaram a dividir com eles a responsabilidade da construção da sociedade. (...) Tornaram-se senhoras da história e ocuparam uma das estruturas mais importantes do poder que é a mídia. Não mais apenas como personagens das reportagens, mas como realizadoras do jornalismo. (...) Não é fácil vencer em uma profissão ainda marcada pelo preconceito, machismo e rivalidades de toda ordem (Habib, 2005, p.13).

As funções atribuídas às mulheres inicialmente no jornalismo eram funções clássicas dentro das redações, como editoras, redatoras e auxiliares. Essas mulheres surgiam, a princípio, em telejornais em horários do meio-dia e da noite em cidades do interior brasileiro, até a chegada ao ápice das grandes cidades - Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, etc.

Buscando a formação em jornalismo, uma das primeiras mulheres a ingressar na faculdade foi Lilian Witte Fibe, em 1972, na Universidade de São Paulo. Na carreira de telejornalismo, iniciou em 1982 na *Gazeta Mercantil*, já associada à TV Bandeirantes. Em menos de um ano, ela recebeu o convite para se tornar repórter de Economia do *Jornal da Globo*, marcando assim sua primeira reportagem para um telejornal.

Além disso, trabalhou como repórter na área de economia do *Jornal Nacional*, além de fazer comentários em outros telejornais da emissora como o SPTV e *Globo Rural*. Em 1991, após se desligar da Rede Globo, Lilian Witte Fibe assumiu o posto de âncora e editora-chefe do

Jornal do SBT até em 1993, quando retornou à Globo para assumir o posto de âncora do Jornal da Globo. Após uma breve reformulação da emissora, em 1996, a jornalista passou a dividir a bancada do Jornal Nacional com William Bonner. Já entre os anos de 1996 e 1998, ela contribuiu fortemente para o Programa Espaço Aberto da GloboNews.

Márcia Mendes foi outra presença ilustre que contribuiu para a presença feminina na TV. Teve um destaque especial na área de moda, o que a inspirou a cursar jornalismo. O contato com a televisão ocorreu em 1975 na Rede Globo, onde ela apresentou o jornal “Hoje”, que tempos depois se consolidou como “Jornal Hoje”. A jornalista acumulou funções como apresentadora e editora de moda. Em 1979, o jornal “Hoje” teve uma audiência composta majoritariamente por mulheres jovens (MEMÓRIA GLOBO, 2021) e apostou em um trio de jornalistas composto por Márcia Mendes, Ligia Maria e Sônia Maria para comandar o telejornal.

Com o êxito do jornal e a ascensão de Márcia Mendes na emissora, em 1977, ela assumiu o posto de repórter no programa "Fantástico" e elaborou uma série de reportagens para o renomado Jornal Nacional. Ela também foi uma das primeiras mulheres a apresentar o Jornal Nacional. Por motivos de saúde, faleceu em 1979, aos 34 anos.

Um dos rostos mais conhecidos do jornalismo da Rede Globo nas décadas de 80 e 90, a jornalista Valéria Monteiro, apontada como um dos destaques da revista eletrônica semanal “Fantástico”. No ano de 1986, ela foi contratada pela Rede Globo para apresentar o RJTV 3ª edição. A jornalista passou também pelo Jornal da Globo, Fantástico e Jornal Hoje. Em 1988, Valéria estreou no Jornal Nacional ao lado de Sérgio Ewerton no bloco esportivo referente às Olimpíadas de Seul, sendo a primeira vez que uma mulher invadiu os domínios masculinos do JN.

Valéria Monteiro chamava atenção dos telespectadores com seus diversos cortes de cabelo, variando do repicado na altura dos ombros aos encaracolados, e até mesmo adotando o famoso estilo “Chitãozinho e Xororó”. Isso ia contra o estereótipo de que as mulheres deveriam manter os cabelos impecáveis diante das câmeras, com maquiagens simples e, principalmente, zelar pela “boa aparência” (Rodrigues, 2021).

Ela também foi uma das primeiras profissionais a se aventurar na GloboSat, em dezembro de 1992, no comando do programa de variedades "Modos, Moda e Mania", com três edições semanais. No ano seguinte, em 1993, Valéria deixou a emissora para morar no exterior e, em 1999, retornou para as telas como correspondente de Nova Iorque para a emissora Rede TV. Em 2017, Valéria se lançou no mundo político, onde segue atuante.

A primeira repórter negra de destaque da TV brasileira e a primeira mulher a entrar ao

vivo na TV em cores pelo Jornal Nacional, na edição de 1977, foi a jornalista Glória Maria. Ingressou no curso de jornalismo da Universidade Católica (PUC-RJ) com apenas 18 anos. Em 1970, Glória começou a estagiar no departamento de jornalismo da Rede Globo e no ano seguinte foi efetivada. Sua primeira cobertura jornalística foi o desabamento do Elevado Paulo de Frontin, em 20 de novembro de 1971.

Com pouco tempo de carreira, mas com um grande potencial, a jornalista tornou-se âncora do RJTV. Em 1986, Glória Maria passou a integrar a equipe de reportagem do programa "Fantástico" e dois anos depois ela começou a fazer reportagens especiais. Após uma breve pausa em sua carreira, em 2010, ela retornou para as telas da Rede Globo para se tornar repórter especial do programa "Globo Repórter", apresentado por Sérgio Chapelin. Nove anos depois, em 2019, a jornalista passou a dividir a apresentação do "Globo Repórter" com a jornalista Sandra Annenberg.

Glória Maria deixou um legado de inspiração e representatividade para as mulheres negras no telejornalismo. Ela faleceu no dia 2 de fevereiro de 2023, vítima de câncer de pulmão.

Atualmente, observamos muitas mulheres ocupando espaços, o que é resultado da dedicação e trabalho de algumas precursoras mencionadas anteriormente. Agora, destacamos a jornalista Maria Júlia Coutinho, que segue o legado construído por Glória Maria e Sandra Passarinho que foi a primeira mulher a se tornar correspondente de uma emissora de TV na Europa, além da apresentadora e comentarista de esporte Renata Fan, que vem ocupando cargos que antes eram exclusivamente preenchidos por homens.

## TELEJORNALISMO NO AMAPÁ

O telejornalismo surgiu no Amapá em meados de 1974 e 1975, cerca de 24 anos após a instalação da primeira emissora televisiva em solo brasileiro (Canto, 2019). Enquanto o restante do país estava vivendo a febre do processo industrial, o Amapá tinha uma economia voltada apenas para suprir as suas demandas. Munaro (2014 *apud* Santos, 2019, p. 15) categoriza o Amapá e alguns estados da região norte como a “periferia da periferia”. Portanto, podemos concluir através destas análises históricas que o Amapá é um estado que sofre um processo lento de desenvolvimento em relação aos demais estados brasileiros.

Em 1974, a TV Amapá atuava no estado sob o domínio do Governo do Território Federal do Amapá com um único objetivo: transmitir os jogos da Copa do Mundo de 1974 para a população local. Em 1975, o grupo Rede Amazônica ganhou a concessão da TV Amapá com a ideia de trabalhar pautas amazônicas.

Em 2015, a emissora deixou de usar o nome TV Amapá e passou a adotar a nomenclatura do conglomerado Rede Amazônica. Atualmente, o grupo é uma das maiores emissoras dentro de Macapá, alcançando todos os municípios do estado e pequenas ilhas pertencentes ao Arquipélago do Marajó (PA), além de ser afiliada da Rede Globo.

Por volta de 1978, surge o Sistema Equatorial de Comunicação LTDA. Na época, o governador Anníbal Barcellos concedeu a permissão de funcionamento da emissora, alegando que este seria um dos métodos adotados pelo governo para manter a população bem informada e com maior agilidade. Em 29 de dezembro de 1983, o grupo Equatorial realizou sua primeira transmissão sob o comando do repórter e radialista Nilson Montoril. O objetivo geral desta transmissão era tratar sobre o documento que mudaria a história do Amapá: a integralização do estado como parte da federação brasileira, deixando de ser Território Federal do Amapá.

Cinco anos depois, em meados de 1988, foi inaugurada a TV Marco Zero sob o comando da Organização José Alcolumbre. A emissora apenas retransmitia a programação do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Já em 1997, foi inaugurada a TV Amazônia, a segunda emissora de televisão pertencente ao grupo José Alcolumbre e afiliada à Rede Record. No ano de 2005, o grupo Alcolumbre vendeu 25% da TV Marco Zero ao Grupo Gazeta de Comunicação, resultando na alteração do nome da emissora para TV Gazeta Marco-Zero em 20 de dezembro daquele ano. Em 2018, a emissora passou por outra mudança de nome, surgindo como Grupo Equinócio, denominação que perdura até os dias atuais.

A TV Tucuju é a quinta emissora televisiva a operar no Amapá, iniciando suas atividades em 1992, e atuava apenas como retransmissora do canal televisivo norte-americano MTV. A partir do ano de 2000, a emissora mudou de afiliada e passou a ser associada à Rede TV. A última emissora a se instalar no Amapá é a TV Macapá, fundada em 1997 por José Samuel Alcolumbre Tobelem. Desde a sua criação, a emissora é afiliada à Rede Bandeirantes.

Estas emissoras seguem em atividade no Estado e operam através do sinal digital, conforme a portaria MCOM N° 11476, de 8 de dezembro de 2023<sup>5</sup>, que recomenda o desligamento do sinal analógico no país. Dessa forma, todas contribuem com produtos jornalísticos e informações para a população, exceto a emissora pertencente ao Sistema Equatorial de Comunicação, que apenas retransmite a programação da TV Cultura, que tem por objetivo o caráter pedagógico.

Todas as emissoras inicialmente operavam como retransmissoras das grandes emissoras

---

<sup>5</sup>Altera a Portaria MCOM n° 2.992, de 26 maio de 2017 e a Portaria de Consolidação GM/MCOM n° 1, de 2 de junho de 2023, para estabelecer diretrizes para o desligamento dos sinais analógicos de televisão. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-mcom-n-11476-de-8-de-dezembro-de-2023-529259203>. Acesso em: 6 jun. 2024.

do eixo São Paulo/Rio de Janeiro. Hoje em dia, apesar dos avanços tecnológicos e esforços por parte das emissoras, elas continuam atuando de forma enfraquecida, produzindo poucos produtos jornalísticos locais.

Dentro deste cenário, as emissoras que merecem destaque são a Rede Amazônica e o Grupo Equinócio de Comunicação, que exibem diariamente mais de seis horas de programação visando informar à população. Por esse motivo, também foram as escolhidas para o *corpus* deste artigo.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para responder ao questionamento inicial sobre a presença das mulheres no telejornalismo amapaense, analisamos, do dia 15 a 20 de janeiro de 2024, os telejornais do horário do meio-dia e da noite de cada emissora. Na Rede Amazônica, observamos o JAP 1 (meio-dia) e JAP 2 (noite), já do Grupo Equinócio selecionamos o Balanço Geral (meio-dia) e o Cidade Alerta (noite). Uma pesquisa realizada por entidades locais, denominada Troféu Imprensa<sup>6</sup>, aponta que estes telejornais são os mais assistidos pela população amapaense.

O recorte temporal foi de seis dias devido às dificuldades encontradas durante a coleta dos dados, embora os conteúdos sejam disponibilizados pelas duas emissoras nas plataformas digitais Globoplay e Equinócio Play, percebemos que os canais estão desatualizados. Portanto, optamos por analisar um período em que ambos os telejornais estivessem em conformidade, chegando ao intervalo dos dias mencionados anteriormente.

Durante os dias de análises dos telejornais da Rede Amazônica foram contabilizadas seis edições do JAP 1 e seis do JAP 2, totalizando 12 jornais escolhidos na emissora. No Grupo Equinócio, temos seis edições do Balanço Geral e cinco do Cidade Alerta, resultando em 11 produções. Aos sábados, o Grupo Equinócio exibe uma edição especial do Balanço Geral, já o Cidade Alerta não conta com a exibição local, somente com a apresentação nacional.

Inicialmente, realizamos uma Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977). Segundo a metodologia, o primeiro passo da pesquisa foi realizar uma pré-análise do material que mais tarde serviria como eixo central do nosso estudo, assim, fizemos leituras relacionadas à temática e constituímos o corpus de análise, observando quais jornais e dias fariam parte da pesquisa.

O passo seguinte foi a exploração do material encontrado durante a pré-análise. A fim

---

<sup>6</sup> O Troféu Imprensa Amapá, conhecido anteriormente como Tucuju de Ouro, visa reconhecer e homenagear os profissionais da imprensa e veículos de comunicação que se destacaram ao longo de cada ano.

de observar melhor a presença feminina, dividimos os telejornais por data e contabilizamos o número de vezes que as mulheres apareceram na televisão, seja na reportagem ou como âncoras.

A partir do resultado obtido por meio do material analisado e as inferências alcançadas na fase de interpretação, surgiram algumas questões que foram sanadas por meio de entrevistas semiestruturadas (Gil, 2022). A partir disso, foi elaborado um questionário com 10 perguntas e encaminhado às jornalistas da Rede Amazônica e do Grupo Equinócio.

O questionário foi direcionado as profissionais após um contato prévio com as mesmas através da rede social *Instagram* e, em seguida, pelo aplicativo de troca de mensagens instantâneas *Whatsapp*. No Grupo Equinócio, tivemos somente a contribuição da jornalista Luciane Alves, em contrapartida, na Rede Amazônica conversamos com as jornalistas Karina Rodrigues, Mônica Peixoto e Mônica Costa<sup>7</sup>.

As perguntas foram formuladas visando compreender como é a experiência dessas mulheres no cenário jornalístico do Amapá, identificar seus sonhos e aspirações, conhecer suas referências e, principalmente, avaliar qual o espaço elas ocupam ou queriam ocupar, além de saber se o ambiente é considerado seguro e confortável para elas. Essa etapa foi fundamental para compreender o lado das profissionais.

## O LUGAR OCUPADO PELAS MULHERES NO TELEJORNALISMO AMAPAENSE

Notamos que todos os 23 telejornais selecionados para o *corpus* de pesquisa têm a presença feminina, o que difere são como elas aparecem na televisão, sendo a reportagem de rua o lugar mais ocupado por elas. Durante o período de análise, a Rede Amazônica tinha três mulheres repórteres e o Grupo Equinócio cinco. A partir disso, contabilizamos o número de vezes em que elas aparecem nesse posto em ambos jornais e constatamos que no Grupo Equinócio há mais matérias de rua feitas por elas do que na Rede Amazônica, isso também tem relação com o número de mulheres jornalistas em ambos os veículos.

---

<sup>7</sup> Em janeiro de 2024, período da entrevista, Karina Rodrigues e Mônica Peixoto atuavam como repórteres no veículo. As duas saíram dos telejornais em maio de 2024. Agora, o veículo conta apenas com Mônica Costa e Michele Ferreira, contratada no mesmo período.

**Figura 1** - Participação de repórteres femininas nos telejornais analisados



Fonte: as autoras (2024)

Como demonstra o gráfico acima, o Grupo Equinócio conta com mais mulheres na produção de reportagem. Elas apareceram em 60% das produções exibidas pelo Balanço Geral e Cidade Alerta, sendo o Balanço Geral com o maior número de aparições em frente às câmeras (40 vezes). Já a Rede Amazônica teve 37% da sua produção feita por mulheres nos dois telejornais analisados nesta pesquisa. Desse total, o maior número de aparições de repórteres foi no JAP2 (22 vezes). Portanto, observamos que mais da metade de todo conteúdo vinculado aos telejornais é produzido por mulheres.

Como âncora de telejornal, apenas a Rede Amazônica deu o espaço a jornalista mulheres<sup>8</sup>. A apresentadora Aline Ferreira esteve à frente do JAP1 por 11 anos, mas pediu para sair em março de 2024. A jornalista era destaque dentro do veículo e foi a escolhida para representar o Amapá nos 50 anos do Jornal Nacional<sup>9</sup>. Dessa forma, durante o período analisado ela esteve à frente de cinco edições do JAP1. Após sua saída, o jornalista Salgado Neto assumiu a ancoragem do telejornal e o veículo passou a ter os dois telejornais principais apresentados por homens.

No mesmo caminho, notamos a prevalência de homens como âncoras no Grupo Equinócio. Há 10 anos que o jornalista Luiz Eduardo apresenta o Balanço Geral, já o Cidade Alerta é apresentado por Haroldo Santos há seis anos. No veículo, as mulheres ainda não

<sup>8</sup> Além do JAP1, que teve Aline Ferreira como âncora, o “Bom dia Amazônia” é apresentado pela jornalista Tatiana Guedes há 10 anos. No entanto, esse telejornal não entrou na análise, assim, não foi contabilizado a participação dela.

<sup>9</sup> Em 2019, o Jornal Nacional completou 50 anos e promoveu um rodízio de apresentadores de todos os Estados brasileiros, mais o Distrito Federal, nas cadeiras de William Bonner e Renata Vasconcellos.

tiveram espaço para apresentar os telejornais. O diretor de jornalismo da emissora, Gilvan Barbosa, explicou que o veículo passará por mudanças estruturais e a criação de novos programas, assim, haverá uma ampliação de oportunidade às mulheres.

Quando questionadas sobre o espaço em que elas ocupam nos veículos, as jornalistas acreditam que elas têm oportunidades nas emissoras amapaenses, mas o grande diferencial em comparação aos homens, é a dupla jornada de trabalho. A jornalista Mônica Costa contou que existe hora para entrar na redação, mas que a saída depende das demandas do dia, já ocorreu dela cancelar compromissos ou cobrir algum colega que faltou, assim acabou saindo mais tarde.

Por conta dessa dupla jornada e o retrógrado pensamento de alguns profissionais dentro das emissoras em relação às mulheres, a jornalista Luciane Alves, destaca que não acredita que o ambiente seja favorável à presença feminina.

As jornalistas das emissoras são formadas e têm idade entre 20 a 40 anos, algumas também são mães. Possuem um biotipo magra, brancas ou pardas, estatura mediana e cabelos médio e/ou longo. Esse padrão é muito comum dentro do jornalismo que também nos trouxe uma reflexão sobre a ausência de mulheres negras nesses espaços, considerando que o Amapá tem 11,81% da população preta, segundo dados do Censo 2022 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A falta de representatividade das mulheres negras contribui para a perpetuação e criação do imaginário social racista, que associa os negros a posição de subalternos. Além disso, produzem uma discriminação que afeta tanto a autoestima quanto a autoaceitação destas pessoas, proporcionando um sentimento de não pertencimento a determinados espaços (Abreu e Borges, 2022).

Nos telejornais da Rede Amazônica, vimos que as jornalistas têm um estilo mais formal nas vestimentas e no modo de falar. Isso tem relação com as normas da emissora que segue um padrão nacional oriunda da Rede Globo. Diferente do Grupo Equinócio que traz um jornalismo de base mais popular<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> O jornalismo popular mostra uma face da segmentação dos próprios meios de comunicação, que visam diferenciar os seus conteúdos dos concorrentes, criando produtos jornalísticos totalmente voltados para públicos específicos. Essas produções jornalísticas atendem principalmente aos anseios das classes populares, fazendo uso de relatos que privilegiam o cotidiano, fatos policiais, entretenimento, entre outros. Assim, conquiste seu público-alvo e o torne fiel (Guedes, 2010).

**Figura 2** – Jornalista Luciane Alves interagindo com crianças em arena durante entrada ao vivo



Fonte: Facebook/Cidade Alerta em 16 de janeiro de 2024

**Figura 3** – O jornalismo da Rede Amazônica se baseia no padrão mais formalizado



Fonte: GloboPlay/ JAP1 no dia 16 de janeiro de 2024

O Cidade Alerta, por exemplo, é um jornal voltado totalmente para a área policial. Durante os dias de análise, observamos que a jornalista que mais aparece é a Luciane Alves, apelidada carinhosamente pelo apresentador Haroldo Santos de “sereia do telejornal”. Ela é carismática com o público. É comum ter interações entre a profissional, o entrevistado e o apresentador, sendo este fazendo comentários pessoais durante a exibição da matéria.

Há cerca de 18 anos na profissão, Luciane Alves relatou sua luta para ganhar o respeito dos demais colegas de trabalho. No seu primeiro emprego como jornalista, sofreu algumas

hostilidades e o seu trabalho foi contestável em virtude de ela ser mulher.

As profissionais relataram que iniciaram a carreira no jornalismo durante a graduação, e que ao aliar o conhecimento teórico com a prática foi de grande aprendizado para elas. Até o momento, nenhuma das profissionais entrevistadas possuem especialização ou pós-graduação na área. Mônica Costa expressou um forte desejo de seguir carreira na docência. Ela mencionou a intenção de deixar o estado em busca de conhecimento e, posteriormente, retornar para atuar como professora universitária. Além disso, destacou seu interesse nas áreas de jornalismo de dados e jornalismo ambiental, disciplinas de extrema importância durante a graduação, mas que contam com poucos profissionais especializados no estado.

De modo geral, contabilizando reportagem, produção e apresentação, ambos telejornais possuem 10 profissionais de jornalismo divididos entre homens e mulheres com demandas diferentes. A Rede Amazônica possui quatro jornalistas femininas e seis jornalistas masculinos. Por sua vez, o Grupo Equinócio tem cinco jornalistas mulheres e cinco homens. Como vimos, o principal diferencial está na divisão de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os apontamentos apresentados, concluímos que o espaço ocupado pelas mulheres no telejornalismo amapaense ainda é reduzido nas duas principais emissoras do Estado. No Grupo Equinócio de Comunicação não se observou a presença feminina na apresentação dos telejornais da empresa, as profissionais desempenham apenas funções como repórteres e produtoras dentro da emissora. Por outro lado, na Rede Amazônica, as mulheres tiveram oportunidade como âncoras – o caso do JAP1 que foi apresentado durante 11 anos pela jornalista Aline Ferreira.

O curso de Jornalismo é ofertado no Estado por meio da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Ao observamos as turmas, conseguimos notar a presença massiva de mulheres nas salas de aula. A partir disso, nós questionamos também quais os outros espaços essas mulheres estão ocupando, algumas, como é o caso da Mônica Costa, querem seguir à docência, outras estão trabalhando na assessoria de comunicação ou redação.

De qualquer modo, quando falamos de televisão, o meio que durante muito tempo foi a porta de entrada para jornalistas, ainda sentimos a falta de reconhecimentos às mulheres que não ocupam cargos de visibilidade ou são diariamente sobrecarregadas com demandas de trabalho sem considerar a jornada que levam como mães e donas de casa.

Além disso, outro ponto de conclusão foi a ausência de mulheres negras nos veículos, o

que infere uma desigualdade racial. Corroborando com o pensamento de Abreu e Borges (2022), a falta de representatividade das mulheres negras nesses espaços contribui para a perpetuação e criação do imaginário social racista, que associa os negros a posição de subalternos. Além disso, produzem uma discriminação que afeta tanto a autoestima quanto a autoaceitação destas pessoas, proporcionando um sentimento de não pertencimento a esses lugares.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Laura Ferreira. BORGES, Rosangela Ferreira de Carvalho. O Espaço Destinado à Mulher Negra no Telejornalismo: sub-representação nos telejornais brasileiros. **Revista INICIACOM: Revista de Brasileira de Iniciação Científica**, Vol. 11, N. 2 (2022). Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/4112>. Acesso em 10 jun. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. Relatório de violência de gênero contra jornalistas. 2021. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/mulheres-jornalistas-sofrem-6-ataques-por-mes-em-2021-diz-abraji>. Acesso em: 19 maio. 2024.

ALVES, Luciane. Entrevista realizada por Whatsapp com perguntas em torno da presença feminina nas emissoras amapaenses. 2024. Entrevista concedida a Ilana Moraes. Macapá. 2024.

AGUIAR, Tiago. A primeira jornalista profissional do Brasil. 3 abr. 2017. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/a-primeira-jornalista-profissional-do-brasil> Acesso em: 15 de abr. 2024.

BRASIL. **Portaria MCOM N° 11476, de 8 de dezembro de 2023**. Altera a Portaria MCOM n° 2.992, de 26 maio de 2017 e a Portaria de Consolidação GM/MCOM n° 1, de 2 de junho de 2023, para estabelecer diretrizes para o desligamento dos sinais analógicos de televisão. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-mcom-n-11476-de-8-de-dezembro-de-2023-529259203>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1997.

CANTO, Fernando. Literaturas das Pedras: a Fortaleza de São José de Macapá com locus das identidades amapaenses. Macapá: Ed. UNIFAP, 2019.

CISNE, Mirla. Feminismo e consciência de classe no Brasil. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA, Mônica. Entrevista realizada por Whatsapp com perguntas em torno da presença feminina nas emissoras amapaenses. 2024. Entrevista concedida a Ilana Moraes. Macapá. 2024.

DANCOSKY, Andressa Kikuti; MICK, Jacques; ROCHA, Paula Melani. Masculização e

desfeminização no jornalismo em crise no Brasil (2012-2017). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Vol. 30, N. 2, (2022). Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75032>. Acesso em: 11 jun. 2024.

FARFAN, Tainá Mesquita. **Mulher e Telejornalismo**: uma análise da presença feminina na apresentação ou ancoragem de telejornais no Brasil. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2015.

FLORES, Beatriz. Mulheres jornalistas falam sobre dificuldades no exercício da profissão. Federação Nacional dos Jornalistas. 11 mar. 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/8m-mulheres-jornalistas-falam-sobre-dificuldades-no-exercicio-da-profissao/>. Acesso em: 24 de abr. 2024.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GUEDES, Maria da C. R. **Jornal Popular-Massivo**: As estratégias utilizadas pelo Super Notícia para conquistar seu leitor. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

HABIB, Lia. *Jornalista: profissão mulher*. São Paulo, Sapienza Editora, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama do Censo 2022.

Disponível em:

[https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&tema=taxa\\_de\\_alfabetizacao&recorte=N3](https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&tema=taxa_de_alfabetizacao&recorte=N3). Acesso em: 26 de abr. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA.

Resultado do Censo de Nível Superior em 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/resultados-do-censo-da-educacao-superior-2020-disponiveis>. Acesso em: 25 de abr. 2024

IDOETA, Paula Adamo. Mulheres são maioria nas universidades brasileiras, mas têm mais dificuldades em encontrar emprego. BBC News Brasil. 10 set. 2019. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49639664>. Acesso em: 17 de maio. 2024.

JN 50 ANOS, veja quem são os âncoras de cada estado que vão estar na bancada do Jornal Nacional.

**Portal Globo**. 28 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/50-anos/noticia/2019/08/28/jn-50-anos-veja-quem-sao-os-ancoras-de-cada-estado-que-vao-estar-na-bancada-do-jornal-nacional.ghtml> Acesso em: 15 de maio. 2024.

KOSHIYAMA, Alice Mitika; REIMBERG, Cristiane Oliveira. Sentido do trabalho, sofrimento e prazer para as trabalhadoras jornalistas. *In*: AGUIAR, Leonel.; SILVA, Marcos Paulo da.; MARTINEZ, Monica. (Org.). **Desigualdades, relações de gênero e estudos de jornalismo**. São Paulo: Life Editora, 2018. p. 19-34.

KRUGER, Pedro Henrique Costa; NEGRINI, Michele. A mulher âncora no SBT. **Revista Dito Efeito**, Vol. 8, N. 13, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/view/6922/5282> Acesso em: 11 de jun. 2024.

MEMÓRIA GLOBO. Perfil de Márcia Mendes. 29 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/marcia-mendes/noticia/marcia-mendes.ghtml>. Acesso em 10 jun. 2024.

MEMÓRIA GLOBO. Perfil de Lillian Witte Fibe. 29 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/lillian-witte-fibe/noticia/lillian-witte-fibe.ghtml> Acesso em: 30 de abr. 2024.

NÃO POSSO ME CALAR, diz repórter que denunciou mascote do Inter por importunação sexual; veja o que se sabe. **Portal G1 do Rio Grande do Sul**. 27 fev. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/02/27/nao-posso-me-calar-diz-reporter-que-denunciou-mascote-do-inter-por-importunacao-sexual-veja-o-que-se-sabe.ghtml>. Acesso em: 24 de abr. 2024.

PEIXOTO, Mônica. Entrevista realizada por Whatsapp com perguntas em torno da presença feminina nas emissoras amapaenses. 2024. Entrevista concedida a Ilana Moraes. Macapá. 2024.

PESQUISA revela que o Brasil tinha 39.926 jornalistas em 2021. **Associação Brasileira de Imprensa**. 15 dez. 2023. Disponível em: <https://www.abi.org.br/pesquisa-revela-que-brasil-tinha-38-926-jornalistas-em-2021/>. Acesso em: 18 de maio. 2024.

PERROT, Michelle. As mulheres ou o silêncio da história. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERFIS regionais dos jornalistas brasileiros são publicados. Perfil do Jornalista Brasileiro/Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC), 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>. Acesso em: 18 de maio. 2024.

RAINHO, João Marcos. Glória Maria fez história enquanto narrava histórias. **Portal da Comunicação**. 2 fev. 2023. Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2023/02/ gloria-maria-fez-historia-enquanto-narrava-historias/>. Acesso em: 30 de abr. 2024.

RIBEIRO, José Hamilton. Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

PRIORE, Mary Del. História das Mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RODRIGUES, Karen B. S. Análise do padrão de beleza de mulheres jornalistas em telejornais dos conglomerados midiáticos. In: IV Jornada Internacional GEMInIS, 4., 2021, São Carlos. Anais. [...]. São Paulo: JIG, 2021. Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-84f44c232f016a03e3b006a375a81ef9167a7642-arquivo.pdf>. Acesso em: 20 de maio. 2024.

RODRIGUES, Karina. Entrevista realizada por Whatsapp com perguntas em torno da presença feminina nas emissoras amapaenses. 2024. Entrevista concedida a Ilana Moraes. Macapá. 2024.

SANTOS, Abinoan Santiago. **A Formação da Imprensa da Amazônia**: o primeiro século do jornalismo no Amapá - 1890 a 1990. 2019. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Setor de Ciências Sociais Aplicadas Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa,

Ponta Grossa/PR, 2019.

SECCO, Duh. Muitos anos longe da TV: saiba como está Valéria Monteiro, do Fantástico. **TV História**. 22 set. 2021. Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/saiba-como-esta-valeria-monteiro/>  
Acesso em: 30 de abr. 2024.

SILVA, Camila Pérez Gonçalves da. **Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística**. **Revista eletrônica Temática**, ano V, n.6. jun. de 2009. Disponível em:  
<https://www.yumpu.com/pt/document/view/13050121/ancora-posturas-e-evolucao-de-uma-atividade-jornalistica#> Acesso em: 15 de abr. 2024.

VILETE, Juliana. BERTAZINI, Yasmin. Os desafios das mulheres jornalistas. Agência UVA Barra, 2022. Disponível em: [https://agenciauvabarra.com/2022/08/29/os-desafios-das-mulheres-jornalistas/#:~:text=Mulheres%20sofrem%20com%20machismo%20diariamente,por%20conta%20do%20seu%20g%C3%AAnero](https://agenciauvabarra.com/2022/08/29/os-desafios-das-mulheres-jornalistas/#:~:text=Mulheres%20sofrem%20com%20machismo%20diariamente,por%20conta%20do%20seu%20g%C3%AAnero.). Acesso em: 24 de abr. 2024.